

Τρίμερος
Τρίμερος
Τρίμερος
TRÍMEROΣ

Heleno Godoy


UG
Editora

Heleno Godoy

Trímeros

(Livros de Odes)
1965-1993)

UCG Editora
Goiânia, Goiás
1993

SOB A ÉGIDE DE UMA TRÍADE

Diga o que nos disser o poeta - e ele o dirá sempre do lugar de leitor de sua própria obra – não há como aceitar o que ele nos diga sem cometer o pecado crítico da crença na “falácia intencional”. Pois nada pode a pessoa do poeta nos dizer, a partir de seu agora de leitor, a respeito daquela subjetividade poética que, outrora, ao atualizar-se em voz pretendidamente audível, “escolheu” – a partir de uma ante/anti-volição que transcende o âmbito das volições reconhecíveis, porque provinda do silêncio elocutório do Desejo – escolher-se estagnada em três tempos distintos, a fim de restaurar o “continuum” processual de sua individuação. Porque a primeira provocação de Trimeres ao seu leitor reside na sua mesma configuração triádica: na instauração, por parte de uma subjetividade já diferida da pessoalidade do poeta, de três espaços ou momentos de elocu(bra)ção, de três lugares ou fases de uma operação que é sequencial por excelência, e que, presidida pelo poeta (sujeito), e à revelia do poeta (pessoa), pode até resultar na história da conquista de uma clave elocucional.

Para início de conversa ao pé da orelha, direi que tríades sempre atraem os já atraídos pela psicanálise. E a chamada “crítica psicanalítica” – se é que tal coisa existe – detém-se particularmente diante das construções triádicas, não apenas porque, com Freud, vê na triangulação edípica a pedra angular do inconsciente; mas também, e principalmente, porque, com Lacan, admite o imbricamento borromeano de Real, Simbólico e Imaginário, como o arcabouço estrutural do sujeito falante. O Real é alucinatório e, como tal, intransável. Assim sendo, o Real do falante é o Simbólico; e o poeta, falante privilegiado - porque supostamente ligado, como que organicamente, ao significante, matéria-prima de seu labor – deverá saber, de um lugar onde provavelmente não sabe da sabedoria de sua própria voz, se não descrever o trânsito do Imaginário para o Simbólico, pelo menos desvelar percalços e trepidações, no que tenta articulá-lo. Isto porque as ficções do poeta, como as de todo sujeito falante, não fazem senão historiar um trajeto que é individual e universal, e que submetido a “historiação” pode-se revelar completo ou incompleto. E quem de nós, já registrado no Simbólico, não experimenta, vez por muitas, o “retomo” do/ao Imaginário reprimido? E quem dentre os poetas – falantes entregues, por vocação, ao significante, veículos portanto de seu pronunciamento – não veicularia a história deste trajeto – esta trajetória (ou sua inexequibilidade) – de maneira exemplar?

O primeiro livro de *Trimeros* coloca-nos no “locus” onde se inicia esse percurso. “Locus amoenus”, porque lugar impermeável a qualquer dúvida sombria. Lugar que, textualizado, constitui-se num momento em que a voz poética ecoa, em forma de “odes” ou “éclogas”, a voz de Virgílio – pai inescapável – por via de uma voz segunda que, anteriormente, e à sua maneira, também já a ecoara: a voz de Ricardo Reis. Aqui se verifica a celebração insistente do Imaginário. Entregue a um “sono sensual” que ultrapassa “a ideia da forma”, reduzido “à tua essência”, a subjetividade do poeta não vai “além de ti e de mim”. Nem parece lhe interessar ultrapassar a “alienação” dessa existência sem “ferimentos”, sem qualquer corte castrativo – o que a lançar em precipício (IV). Formando com Lídia um par ímpar que se constitui num dois que é só um, o sujeito da enunciação poética resiste a todas as mudanças a que as estações o

concitam, numa atitude só comparável à imobilidade estatuésca (IV-IX, *passim*). Essa junção unidual, que lembra o “estágio do espelho” descrito por Lacan, não se abre a qualquer “alegria vulgar ou estranha”: reconhece-se como “amor/em... calmo controle”, cujo “contentamento” reside não no excesso, mas na contenção (IX).

Ao eco das vozes de Virgílio e Pessoa que perpassa, consolidado no mecanismo retórico da **apophrades**, todo o Livro I, deve-se acrescentar o da voz de Vicente de Carvalho, que comparece contraditado, num gesto de esvaziamento defensivo de **kenosis**, nas perguntas retóricas do poema XIII:

É contra a agitação que nos opomos?
Ou não nos opomos ao que nós somos?

(Fim da primeira orelha)

De fato, embevecido pela plenitude de uma felicidade imóvel, o unipar responde, no que se pergunta, que, de fato, opõe-se à agitação, não se opondo, pois, ao que é: “a presença e o tempo comuns”. Constituído à imagem e semelhança da “árvore [que] faz suas folhas” (V), não é de se estranhar que faça da estrela para a qual se dirige o lugar mesmo em que se encontra: a estrela é “solitária” e “impregnada da luz ... só descoberta pelos que/ ... fazem de/si próprios o lugar definitivo” (XV). Multiplicada, implodida e pluralizada, a “estrela solitária” viciosamente circula em tomo da “árvore florida” – ao redor da qual o par ímpar, refeito e satisfeito, “mover[á]/as estrelas de [seus] céus extremos”.

Como então – perguntamos agora – penetrar no Simbólico, se o Imaginário é o “locus amoenus” do definitivo? Não há como, a não ser precariamente. E isto é o que nos vêm provar os Livros II e III de *Trimeros*. Como um Adão recém-desperto na protomanhã do universo, cuja visão a lassidão do sono sensual (II) fez oblíqua e obliterada, o sujeito da enunciação do “Livro dos Substantivos Comuns” tateia o mundo, tentando consubstanciá-lo, em substituívando-o. Acontece que, sem corte ou ferimento, sem a morte parcial da castração, sem o estilhamento do espelho e a quebra da união dual, não há trânsito. Nem pode mesmo havê-lo, quando não houve a inscrição da Falta, de que o Desejo, marca registrada do falante, é metáfora. Por isso, o que presenciamos neste livro segundo é justamente a secundarização da nomeação que, de ato demiúrgico passa a ato divinatório de uma circunstancialidade que é massa material impermeável a qualquer ato de inauguração.

Do livro II pouco difere o terceiro, o “Livro dos Substantivos Imaginados”. Pois como pode o sujeito da enunciação agilizar a imaginação, se se encontra preso ao Imaginário, “locus amoenus”, mesmidade cuja rigidez previne qualquer Inter-ferência e impede a entrada de qualquer diferença/deferência? Estes substantivos-seres, habitantes de um mundo do qual só a contragosto o sujeito da enunciação se avizinha, não são imaginados. São, sim, imaginarizados, porque tingidos pela coloração primitiva de um Imaginário renitente, do qual o próprio sujeito da enunciação reluta em se desvencilhar. Não conseguiu ele-sujeito ou elavoz ludibriar o “vidro cortante”, “elidindo (iludindo?) o que... endivid[ia]” (VIII)? Em outras palavras, são seres (substantivos?) fronteiriços, da fronteira, pois é a fronteira o lugar de onde fala a voz que ouvimos e o lugar onde se coloca o seu sujeito; e fronteiriças, por natureza e “escolha”, a postura desse sujeito e a

tonalidade dessa voz. Por isso, são substantivos-seres fantasmáticos, como as figuras que habitam a arte dos povos primitivos, que Hegel designa como “simbólica”.

Se com eles termina o percurso de *Trímeros*, não devemos considerá-lo, por isto, como uma simplificação sumária do que L. Goldmann acredita ser a fórmula do “romance educativo” de G. Lukács: “O caminho começou, a viagem terminou”. O sujeito da enunciação em *Trímeros* não triadifica, hegelianamente, o que poderia acreditar ser a trajetória de toda e qualquer voz poética. Ao atualizar, num só continuum enunciativo, elocu(bra)ções de épocas várias, e ao conferir ã textualização das mesmas uma configuração tripartida, a voz poética em *Trímeros* reinventa, em ré-formulação triádica, o espaço e o tempo de ritos iniciáticos que muito pouco diferem daqueles que marcam o entrelugar que separa (?) a “animalidade” da “simbolicidade”, e que J. Kristeva, n’ “O Imaginário Melancólico”, aponta como inevitável para o ingresso do ser humano – poeta ou não – nos registros da Ordem Simbólica, mundo da linguagem e da lei. Portanto, ao repoeitizar-se, triadicamente, no presente, a voz poética em *Trímeros* nos desvela um só tempo e um só lugar, em três lugares e em três tempos: o tempo/lugar da remoticidade onde residem os magmas e miasmas que, cedo ou tarde - se nos submetemos ã iniciação e iniciados realmente formos – nos levarão a ascender ao reino da linguagem; ou – se nos submetemos à ação do significante, à signific(antiza)ção, e privilegiados formosnos permitirão penetrar no reino da linguagem poética. Neste desvelamento certamente consistiu o seu gozo; e consiste, na certa, o de nós, leitores.

Luís Alberto de Miranda

: operação disseminante *afastada* da presença (do ser segundo todas as suas modificações, a escrita, se existe, talvez comunique, mas não existe certamente. Ou apenas existe para os presentes, sob a forma da mais improvável assinatura.

Jacques Derrida

TRÍMEROS: Explicação Necessária

Não pretendo que este livro seja lido como uma somatória de meus 30 anos de literatura, um resumo do que fiz até agora, uma demonstração de resultados. Não posso, entretanto, deixar de vê-lo como o processo de uma caminhada, a construção do que tem sido meu trajeto como poeta.

Assim, este livro não representa três fases evolutivas em meu projeto literário, senão na medida que reúne poemas antigos inéditos e alguns novos, também não publicados, que, juntos, em um mesmo volume, podem produzir um diálogo de três tempos distintos, mas aproximáveis.

A primeira parte, “Do Livro do Substantivo Próprio”, é constituída por textos que sobreviveram de uma tentativa, considerada frustrada na década de sessenta, de unir, sob a influência de Fernando Pessoa, as diferentes leituras que eu fazia da poesia de heterônimos Alberto Caeiro e Ricardo Reis. Quase trinta anos depois, eles me parecem muito mais leituras de William Wordsworth e de John Keats, poetas que não haviam entrado na proposta. Se os textos guardam um resto romântico de vocabulário Wordsworthiano e forma Keatsiana, tal influência se deve ao acaso. Reescrevendo os textos hoje, retrabalhando-os para esta publicação, procurei não mudar o que nasceu espontaneamente. Espero que eles não tenham perdido aquela qualidade possível do tempo em que foram concebidos, apesar das inúmeras reescrituras e alterações.

Na segunda parte, “Do Livro dos Substantivos Comuns”, os textos refletem uma visão distanciada, concretizante e autoritária, típica do período em que foram escritos: final da década de sessenta e início da década de setenta. Foram tempos de engajamento político e estético, propostas e reformulações. Espero ter eliminado, ao menos em parte, a visão muito objetivada que então tinha das coisas. Ao retrabalhar os textos e ajuntar-lhes novas versões de trabalhos mais recentes, quero acreditar ter chegado a um certo equilíbrio: se na primeira parte deste livro os textos refletem uma “visão de dentro/interior”, na segunda os textos refletem uma “visão de fora/exterior”.

A terceira parte, “Do Livro dos Substantivos Imaginados”, é de elaboração recente e reflete um modo atual de ver as coisas e as pessoas. Particularmente as pessoas. São textos que nasceram ao acaso da época e não era para serem publicados. Constituíam, antes de tudo, um exercício de admiração, uma homenagem circunstancial em dias especiais, aniversários de alguns amigos. Aos poucos, no entanto, eles foram adquirindo existência independente da circunstancialidade de suas origens. Outros textos foram escritos e acrescentados, embora não mais como homenagens para amigos especiais, em dias especiais. Assim, vejo-os de modo diferente agora, pois são textos que valem por si mesmos, diversos e diversificados das pessoas que lhes deram origem ou motivação. É aqui que reelaboro ou redimensiono as duas visões anteriormente

referidas e apresentadas nas duas primeiras partes do livro. Aquelas visões “de dentro” e “de fora” fundem-se, quero acreditar, numa só visão que “vê” e obriga a “ser visto”, uma visão que é “leitura” e “escritura”, que estabelece o “em si” e o “outro”. Ou mais, obriga o “em si” a ver-se como “um outro”.

A unidade do livro está, então, na mediação possível entre a primeira e a segunda partes, através da terceira. Sem ela o livro não teria sentido, tornando-se mero exercício de artesanato, fria demonstração de habilidades. Se consegui meu intento, só meus leitores podem dizer. Restame o consolo de ter, nestes trinta anos em que tenho acreditado na importância, na necessidade e na eficácia da poesia, aprendido a deixar de olhar só para mim mesmo, ou só objetivamente para as coisas e as pessoas – espero estar em processo de aprender a ver a mim mesmo e aos outros como mais que reflexos exteriores e/ou exteriorizáveis: espero estar aprendendo, depois de escrever sobre, a ler as coisas e as pessoas, o mundo e a vida. Humildemente.

Goiânia, agosto de 1993.
Helena Godoy

1. Do Livro do Substantivo Próprio
1965-1967
(1992-1993)

Mas aqui não nos prendem
Mais coisas do que a vida
Ricardo Reis

I speak bare truth
As if to thee alone in private talk*
William Wordsworth

No, no hables un idioma olvidado
No pronuncies tu nombre.
Henrique Molina

*(Eu falo a verdade simples/ como se para ti somente, em conversa particular)

I. Um dia, Lídia, por certo nos sentaremos
ao pé desta árvore velha ou vamos estar
à mesa, junto àqueles outros comensais,
bebendo vinho antigo e o novo, no rito
sagrado, brinde renovável, refazendo
o caminho que foi nosso, que ainda é nosso.

Pois, não nos separamos daquilo que nos
rodeia: estamos ligados um ao outro e a
todos. Como esta árvore velha, estendendo
seus galhos e entrelaçando-os, no aconchego.

II. Contigo, Lídia, eu chego ao fim do tempo,
do espaço, de todos os limites. És tu
mesma esses limites, não vou além de ti
e de mim. Reduzo-me à tua essência, esta
minha forma de ser como sou, e então fico
contemplando a cidade iluminada à frente.

É aqui mesmo o sono sensual a ultrapassar
a ideia da forma e a alcançar o sonho infinito
da tua matéria alada, misturada à do
viajante satisfeito, que mergulha em ti.

III. Seria nossa vida apenas o pó imóvel
a recobrir estradas e móveis há muito
não usados? Lugares lá não caminhados
ainda, Lídia, em nossa existência calma?
Acima, os dias de doce retardamento;
abaixo, o lamento de voz deixada atrás?

Pois, como saber tudo, viajantes sem medo,
ninhos arrancados das árvores ou nuvens
abertas contra um céu sempre azul? Como é
estranha a nossa natureza não ferida!

- IV. Quando nos ferimos, Lídia, toda a nossa existência se precipita. Se o tumulto é nosso aliado, também a melancolia das formas familiares, repetidas. Nem seria outra forma, como árvore sem folhas, mas sabendo sempre do seu dever.

Pois, as folhas têm também seu mistério e sua providência: ensinam ao vento volta nova, à chuva outra queda, ao fruto o renascer. Como nos impregnamos das estações!

- V. Da primavera, Lídia, não queremos o que é externo e capa. Elaborem-nos mais simplesmente, como a árvore faz suas folhas, flores, sem pensar nelas, a não ser como o que antecipa. Pois, também vivemos previamente.

E mesmo se não vier de lá um fruto, ainda assim teremos realizado nosso intento. Daremos a nós mesmos o sabor: o ofício antecipação.

- VI. Graças ao que faremos o verão significar, a semente do tempo será bela, em razão dos elementos de harmonia ou pequenas misérias: discordância usada em benefício nosso e dos outros, Lídia, como o sol.

Pois, haverá calor, vento, luz: nosso verão. E estaremos sempre prontos a pressentir a alegria dos que junto a nós estarão caminhando a estrada.

VII. Aquelas nuvens pacíficas abrem
caminho largo sobre o nosso ninho,
protegem a nossa existência calma,
abrandam a queda da chuva, per-
mitem visitas que não se amedron-
tam ante as pedras das altas planícies.

Elas compartilham conosco das frutas
amadurecidas, do trigo colhido e
do vinho que bebemos, orgulhosos
e exultantes de estarmos ainda vivos.

VIII. No inverno, vamos elidir o que
nos endivida, seja a margem do
lago, a borda do rio, o peixe
arisco, a janela quebrada, o vidro
áspero, cortante, como ferro agudo.

É a estação do vento, a precipitar
o silêncio e a levantar o pó do campo,
irritando olhos, ouvidos, narizes,
impregnando-nos de coisas inquietas.

IX. Não haverá alegria vulgar ou es-
tranha entre nós, se estamos juntos
há tanto tempo. E nenhum excesso
cometeremos como revelação
de nosso contentamento. Só o amor,
em seu calmo controle, como bela

flor em sua esquecida função
de enfeite, num jarro d'água sobre
nossa mesa posta para o jantar.
Haverá glória e esperança ali.

X. Tu mesma e eu poderemos amassar
o pão, ler os livros, cortar a lenha,
escrever as cartas, dedicar o espí-
rito aos sabores da terra, ao que
nos faz abençoados, sólidos, re-
pletos, como uma história completa.

Temos, portanto, um princípio e um meio
e um fim e uma finalidade, nesta
contínua construção do infinito:
escrevemos-nos como um livro vivo.

XI. Um céu de tempo de chuva, com nuvens
carregadas, vindas de um oeste cinza,
como grandes blocos soltos, salvados
de alguma construção interrompida,
sobrepondo-se lentamente uns
aos outros neste mesmo escuro céu.

Assim, Lídia, evitaremos o excesso
de luz ou de calor, e ficaremos
expostos à água que nos protege
e sacia, limpa o que nos faz falhos.

XII. Alegria primeira, primeiro desejo
realizado, como estátua que tivesse
finalmente refeita sua imobilidade
procurada, num tempo de lanças guardadas,
provimento de vento que apazigua e cai
sobre a quietude do amor aprendido.

Ali estaremos nós, Lídia, como sempre
estivemos: transeuntes a cuja volta
não se nota o movimento do vento –
reconhecível ordem de estabilidade.

XIII. A verdade entre os objetos sem vida,
impregnados de quietude e paz.
O que faremos nós dois aqui, neste
mundo visível, quieto, substancial?
É contra a agitação que nos opomos?
Ou não nos opomos ao que nós somos?

Esta terra comum de nossa vida
não é simples imagem lembrada
de vidas passadas ou de futuras:
somos a presença e o tempo comuns.

XIV. Todo dia, ao longo e ao lado do
rio a passar lento, contemplando
e pensando, reconheço ser aqui
o lugar de onde os ventos vão partir,
anunciando onde estamos e o que
queremos fazer. O sonho do medo

já passou, a fácil estrada vai
nos levar, como a água do rio leva,
para outro lugar, outra anunciação:
uma fé em nós a se estender a outros.

XV. Aquela é a estrela, Lídia, recente
e solitária, impregnada, veja,
da luz só descoberta pelos que
nascem a cada hora e fazem de
si próprios o lugar definitivo.
No deserto nós não encontraremos

a porta para as sempre novas vozes
dos que nunca abandonaram a vida.
Vamos, Lídia, sair deste deserto
e buscar a estrela recente e viva.

XVI. Um dia, Lídia, sentarei contigo,
satisfeito, ao fim do tempo de nossa
vida, sob uma árvore florida.
Embora da primavera não vamos
querer nenhum sabor especial,
manteremos a membrana das flores.
Com ela, faremos o verão e as
nuvens do outono, empacotaremos
nosso inverno, para recuperar
o que foi, por primeiro, a alegria
e o desejo, nossa verdade entre os
objetos poucos que encontrarmos lá.
Ao redor da árvore, moveremos
as estrelas de nossos céus extremos.

II. Do Livro dos Substantivos Comuns
1969 – 1975
(1992 – 1993)

Dizei, que nós já estamos assentados na erva tenra.
Produz agora todo o campo, agora toda árvore;
copam-se agora as selvas, o mais belo do ano é agora.
Virgílio

Fade far way, dissolve, and quite forget
What thou among the leaves hast never known*
John Keats

No defeat is made entirely of defeat – since
the world it opens is always a place
formely
nsuspected.**

William Carlos Williams

*(Apaga-te longe, dissolve, e totalmente esquece/ o que tu, entre as folhas, nunca
soubeste)

** (Nenhuma derrota é feita inteiramente de derrota – desde/ que o mundo que ela
abre é sempre um lugar/ previamente/ insuspeitado.)

O Poema

não encontra seu próprio caminho
entre pedras, nem em estrada lisa,
regular, facilitada. O poema pena
um caminho errante, como estrela
que vai nascer no céu, certa, esperada,
mas a surpreender sempre, pois vem
naquele minuto em que se desvia
o olhar: antes não está lá, agora
brilha, vinda não se sabe de onde.
Uma estrela acusa um lugar, um sonho.

O poema não ousa um abismo
sozinho. Antes, joga pontes, cordas,
compõe uma passagem e um rito,
recupera um processo, estabelece
uma forma, funda-se com força
de haste de junco, asa de incerto
inseto; com a fragilidade e a
insegurança de um mamífero
abandonado, dócil se acariciado.

O poema assegura ao que é selvagem
uma técnica precisa e adestrada;
desnuda o homem já despido, asse-
gura ao homem vestido uma chama
de reverência, o silêncio de espelho
crédulo, o vazio de uma multidão
seguindo firme e compassadamente.
O poema sabe ser inexorável
como a duplicação de estrada reta:
segue inalterado, sem fim, ser vivo.

O Lápis

O lápis vai sempre além de si.
Deixa um rastro apagável, é verdade,
mas, por certo, indica um caminho,
um arranhão, o risco dos grandes
heróis, um bilhete tímido de amante
inexperiente, uma assinatura
quase invisível num canto de
página de caderno velho.

São dele as anotações apressadas,
os números imperfeitos, um quase
arredondar o mundo e dar-lhe
cores novas, como as de uma
árvore vermelha ou de um cavalo
violeta. Um lápis é a maneira
do uso, um abuso da opressão,
o que é leve e o que pode ser livre.

O Espelho

Diante de um espelho não se põe
um sujeito, mas uma linguagem.

Nele não se articula um rosto,
mas uma fala comprometida.

O espelho não é, pois, inocente,
reflete o abismo de uma ousadia,

o jogo narcísico de uma mentira,
a ânsia de uma farsa, o medo

de uma falha, o fio branco de um
engodo recente ou centenário,

e o medo, na própria articulação
de suas angústias irresolvidas.

O Dado

Já se disse dele como um jogo
do acaso. Há casos, sim, de pura
sorte, como há outros em que um fogo
queima um homem preso da usura,
quando o dado acusa um número alto
e ele não se contenta com outra
sorte. De sorte que o dado, assalto
ao homem, mata nesta vida e noutra.

Mata também ao acaso: rola
no pano verde, erra o número
pretendido, e serve, então, de mola
que industria a vida em outro jogo:
repassada a tentativa, número
antigo, queimando como fogo.

O Rio

Um rio corre seu curso
persistente, laborando
seus métodos com a calma
de quem tem dias de espera

ou meses de gestação.
Um rio é uma sentença
não concluída, cláusula
sempre subordinada,

lexias bem satisfeitas
ao seguirem umas às
outras, como breve
capítulo de um livro

sempre revisado, re-
conhecendo-se em curso
descontínuo, regido
por sujeitos que não se

manifestam ou que ficam
expressos na sua forma
verbal de oração con-
tida entre a premissa arro-

gante de uma correnteza
e a desimportância de uma
calma resolução plana.
Um rio corre impassível.

A ele falta uma linguagem.
Mesmo quando se organiza,
falta-lhe uma estrutura
adequada, pois não tem

conectivos que possam
unir o que corre em fluxo
contínuo, embaralhado,
redimido de qualquer

pontuação habitual,
banal ou meramente
funcional. Por função,
dizem que o rio dá

peixes. O rio não dá,
nem é do seu fazer
o dar o peixe. Depois,
é o homem que tira

o peixe de lá. Ao rio
falta imaginação do
além das margens. Ele
não reconhece nelas

a qualidade, só o con-
finamento a que elas
o submetem. Por isso,
destrói, à direita ou à es-

querda, compulsivamente,
o que encontra quando
se alarga e se avoluma,
perdida a evidência

de sua necessidade.
Nada aplaca sua fome de
circunstâncias expandidas.
No entanto, não sabe o que

fazer de sua largura con-
quistada e perde a lem-
brança dos limites que
tinha, e se acomoda.

Aos poucos, retoma seu
curso, sem nada fazer,
sem fazer, precioso ou
privado, novo mundo seu.

Um rio não tem memória,
não se lembra de onde veio,
a razão por que corre.
Segue um curso desistente,

ao destruir seu traço
distintivo e ao correr
para o mar da anulação
de seu propósito.

A Janela

Uma janela parece ser
uma ambiguidade prescrita:

lavada além de seus vidros
transparentes, usada aquém
de seus limites esquadrados,
a janela retém o tempo
e a luz: aqui, ali e lá são
categorias que não contam
mais, como a água a correr
e a levar toda a beleza embora.
Restam os bancários e outros,
os juizes e os professores
e os prisioneiros, aqueles
que articulam seus sons
e seus mistérios aquém
de uma ou duas janelas.

O Espinho

Tem uma longa tradição
como protetor este espinho
duro e afiado, ativo
e acusador. Ao redor de uma
flor vistosa, passa quase
despercebido, engana
a mão errante. Espera!
Tem também esta longa
tradição da espera imóvel.

Como língua afiada, denun-
ciante e acusadora, trai
o sol suspenso e a lua
tímida, o amigo longe,
ausente, o inimigo próximo
e florescente. O espinho
adere a qualquer dedo,
fala uma, todas as línguas.

A Navalha

Não há quem não se amedronte
dela, sentado na cadeira
do barbeiro apressado, falante
e inatento.

Antes uma lâmina inofensiva
em aparelho convencional,
fofo e brando ao ser usado.

A navalha não pensa,
e olha vagamente as coisas,
cortando-as destra, mecânica.

Uma navalha é como um olho
arguto, astuto, cauteloso:
brilha e arma, serpente,
um golpe só, profundo e nítido,
compadecido mesmo, em sua
asséptica habilidade.

A Colher

Ela não serve só para líquidos
ou alguma coisa arredondada.
Também serve para coisas
soltas, em sua forma curva.

A colher transporta, rola,
volteia na ponta dos dedos
ou no fundo do prato.

A colher é instável:
pousada em forma côncava,
balança e derrama;
pousada em forma convexa,
não para, desequilibra.

Uma colher é como a lua
minguante ou crescente:
invalida, transitória,
sua própria utilidade.

O Carro

O carro só tem sentido
se é pleno dia de ser-
viço árduo, num mês
de verão bem quente.

Como roda e roda e roda
sobre rodas, um carro
é só repetição. Quem
leva essa vida sobre
rodas maquina mero
espectro.

Para passeio... para
passeio também serve,
mas é imbecil como
exibição de felic-
idade cara e ambulante.

O Muro

Muro tem por função
limitar fora e dentro.
Assim, a comunhão
do externo com o centro.

E se o muro dá volta
à casa, ao quarteirão,
funciona como escolta,
soldado, proteção.

O muro tem a força de um elefante,
o langor da lesma, a fragilidade
da trepadeira, da flor sobre ele
mesmo, em voltar e voltar, cipoal.

Às vezes, tem cacos de vidro
no dorso, como cobra pré-histórica,
mojando, ressentida e arrepiada,
talvez protegendo alguma coisa
ou alguém em seu medo sono-
lento, vindo de imóvel canto
escuro ou judicioso.

O muro é a base desta
permanência das pessoas
em si mesmas, exacerbada
noção de propriedade, di-
visas, vizinhos que deteri-
oram as relações entretidas,
domingos à beira da piscina limpa,
protegida e ensolarada.

Um muro, no entanto não
se protege de um prédio ao
lado, satisfeita curiosidade
do olhar a vir de cima.

O muro, em sua volta
à casa, ao quarteirão,
não serve como escolta;
preparado é o ladrão.

Perde o muro a função:
limiar fora e dentro
impede a união
do interno e do centro.

A Ponte

São duas colunas, fundamentos
que a sustentam, surpreendendo-a.
Funcionam como base e fazem-na
acreditar-se ligação: uma ponte
suspende cidadãos, mercadorias
velhas e novas, alianças antigas,
ligas modernas, concreto sorriso
de margem a margem.

Uma ponte
parece pender sobre um abismo.
Em verdade, ela assenta-se sobre
o nada a preencher as águas
de incertezas e azuis de sonhos.

Não há esquecimento ao redor
de uma ponte, há sempre um passo
dado em direção à frente e outro
contrário, retornando à terna
hora da lembrança, ato reverso,
o eco e seu oposto.

Um longo
corredor entre paredes, não
no meio, mas por cima delas,
quietamente, como um desespero
sem percurso certo, mas sobre-
vivente à própria angústia.

Uma ponte reparte o imponderável,
a pedra e a terra, a mãe e
seu filho, o milho destruído
para o pão se pôr sobre a mesa,
a jarra para a água pênsil e o
copo para a postura anterior.

Mas, também une detalhes, delinea
precauções, reduz incerta diferença,
sonha com o impossível ou, talvez, com
a possível certeza de alguma fidelidade.

O Relógio

O relógio não é a melhor das invenções. É, sim, uma tirania, métrica impositiva e estreita. Ele não marca a hora, escande-a,

minimizando-a, nos minutos e segundos da ilusão do pé perfeito, do ritmo regulador de passagens definidas, alimentando o que há

de amargo em nuvens que passam, marés que sobem e baixam, as manhãs ou os entardeceres verificáveis. Por que o tempo não pode ser medido

pelo que é imperceptível? Por que deve ser medido em horas e não em palavras de afeto, mesmo se ódio, como cadeiras ao redor de uma

mesa, conjunto lógico, palpável e definido, quando e se usado? O relógio não faz as relações, mantém seus limites separados,

tempos que não retornam, redoma inominada, opaca e tão breve desses acontecimentos distintos. O relógio então ilude e adocece.

Fosse uma montanha, invalidaria o alcançável; fosse abismo, um mergulho não o reconheceria. Um relógio não tem inteligência ou mesmo dom,

tem mecanismo, como flor que se abre e se fecha sem perfume, enfeite que se quebra, marca, mancha que, eventualmente, se eterniza e não passa.

Resta-lhe essa grandeza de vaso
grego ou etrusco ou outro qual-
quer em sua função vazia, apenas
recionalizada, e muito delicada,

de objeto que faz lembrar o que foi,
mas indicia só o que é presente.
O relógio, assim, é como um túmulo
frio: sela e só retém o acontecido.

para Gessé e Talwer

O Zelo

O zelo desvela-se como um sapo
se assenta sobre suas próprias
pernas, ou amantes se defrontam
metálicos, corações desprevenidos.

O zelo é um cuidado em excesso,
amante a se apertar mais, gemer mais
alto, soltar líquidos mais espessos,
como abacaxi ou as mangas da estação.

Estado de alerta pleno, seleiro
repleto, o zelo procura detalhes,
que remove como escova de cerdas
arqueologicamente manuseadas.

Escorpião que ataca de surpresa,
cipó enredado, facínora emaranhado,
o zelo restaura, enfermeiro, a opres-
são do cuidado meticuloso, e mata!

O Alicate

Ele oprime nossas mãos ao assumir
uma postura própria delas. Pressionado,
corta, torce, machuca, prolonga-se como
réptil escorregadio, caranguejo em
seu próprio voltar, indo e vindo
encapado, milionariamente embrulhado
em borracha ou plástico.

É um gigante
de traços finos, dentes incisivos, pernas
como as de um fantasma gentil
abrindo a si mesmas e, ao mesmo
tempo, a boca. Imaginária amante
oferecendo-se, inconventional.

Quem,
entre os que não trabalham, aceitaria
seu convite concavidade? Ao redor de
dificuldades, preso entre dedos fortes,
no entanto, um alicate viaja. Compreen-
sivelmente, como um cidadão esquecido
de seus pecados, que nada requer, nada oferece.

O Ódio

O ódio sabe dar-se ao mundo como
o helianto ao fogo do sol quando
queima. Ele não tem a paciência
criativa que tece e destece
um tapete longo, narrativo:
a força competitiva de quem,
numa corrida, prefere as maçãs
de ouro. O ódio é falso como fermento
(rato que rouba em sua trajetória):
aumenta, não cria. Descrente, o mais
das vezes mente, ao telefone ou
boca a boca, como estrela consu-
mida, de noite e de escuridão,
no vácuo de sua própria explosão.

A Borracha

Por seu uso, devia ser
invisível, amorfa, ao
instabilizar funções
e coisas estritas
ou lembranças.

Uma borracha não tem
memória fixa nem móvel,
autodestruindo-se ao apagar
rabiscos e letras,
sociedades ou um olho nu,
desprevenido.

Toda borracha é opressora:
como uma pedra a fazer
um sinal fundo no chão,
um tapa a deixar marcas
num rosto – o silêncio
de uma lâmpada desligada.

A Idade

A idade chega, amigo, quando menos
a esperamos, como bicho sorrateiro
ou ave que pousa milagrosamente
sobre o muro que à nossa volta cons-
truímos – uma roupa mais brilhante
hoje, um corte de cabelo mais curto,
um ajuste no cinto, uma tintura
na barba escura ou no bigode forte
– essas pequenas coisas que aparecem
ou que aprendemos ao longo dos anos
de esperarmos por ela, essa idade
sutil ou insidiosa e que vem
rápida ou lentamente, e se a deixarmos:
– a idade chega quando jovens somos.

A Caneta

Uma caneta sentencia
a vida ao exílio
ou o corpo à morte.

A caneta descrê
na realidade,
se é o prolongamento
de um braço fraco,
congregacional, militar
e solene.

Mas, uma caneta pode salvar
a vida do exílio
e o corpo da morte.

A caneta crê
na realidade, quando
é o alongamento
de um braço forte,
ocupacional, civil
e leal.

O Livro

O livro não é lido, ele
passa de folha a folha
como a barata escolhe
seus cantos e frestas.

É uma excursão de cupins,
alimento de traças contínuas
e inevitáveis, consanguinidade
restrita a quem, como cupim
ou traça, se aventura por seus
cantos, explorando arestas.

Um livro responde às assinaturas
subscritas, incorpora tempestades,
incendeia oceanos poderosos,
ervas frágeis, manhãs que des-
pertam quando a lua ainda
não se foi. Um livro abrange
um delírio, homens livres
e fugitivos. Um livro estreita
relações, anula diferenças
ou estabelece seus contrários,
como a aranha surpreende
sua presa, enredando-lhe
os contornos, sintética, fria,
anagramática. Um livro
é mortal como esmeralda
falha e falsa, reconciliação
de cômodos intervalos.

Mas pode ser violento como
um tribunal ou uma missa
rezada em silêncio, um vinho
bebido em jejum, pão comido
lenta e parcimoniosamente.

Um livro é um sacramento.
É uma sagrada eleição
de eternidade, uma desolação
dirigida, rumor de elementos
em voo para a especulação
de circunstâncias, um quarto

empoeirado, um astronauta
com o corpo em chamas, re-
entrando o espaço finito.

Um livro inventa e cega.
A abelha jovem, o livro se
constrói como um aparelho
funciona, impenetrável em sua
aparente simplicidade externa,
adormecido e intrincado em seu
interior preciso e visitado.

Um livro constrói uma direção,
ilude um homem, industria outro.
Todo livro subsidia a luz e a
escuridão. Um livro contra
diz.

III. Do Livro dos Substantivos Imaginados
(1991 – 1993)

... o poeta possui não uma “personalidade” a exprimir, mas um meio particular, que é somente meio e não uma personalidade...

T. S. Eliot

Portanto, não havia necessidade de duplicar a própria imagem, a menos que fosse um espelho...

Tantas coisas dependiam dos outros – mas eram coisas materiais, coisas secundárias. Por isso, muitas vezes ele enganava os amigos.

Patrick White

Still you learn something. See ourselves as others see us.*

James Joyce

*(Até que aprendas uma coisas. A ver-nos como os outros nos veem.)

Ático Frota Vilas-Boas da Mota

Ático Vilas-Boas da Mota
voa borboleta, linha sinuosa,
com o descuido das coisas, como
baratas, que constroem seus livros.

Mas, sabe de seu rumo, morcego
impertinente, talvez imprudente,
no rumo que acredita reto para
seus propósitos, mesmo em busca

incerta, romântica e filológica,
percurso que o fez cidadão baiano
e, pois, romeno, goiano e mundano.
Ático Frota Vilas-Boas da Mota

constrói seu edifício cotidiano
como as rendeiras do seu Nordeste
fazem renda: aos poucos, ponto
a ponto, dia a dia, ano a ano,

a cada linha e a cada passo, por
proposto zelo de um pelicano ou
um descaso no percurso de uma rua
mal vezes transitada, mas nascendo,

como alguém que devorasse seus dias
com gula, no topo de uma árvore
frondosa e donatária, longínqua ou
ferida, confrontando sua imaginação.

Belkiss Spenciere Carneiro de Mendonça

compõe versos de dedos longos, quando
ao piano, versos maiores, meditando so-
bre o passado, o ausente, o presente e o
futuro, quando esses dedos longos forem
plumas de ave rara ou raro camundongo
fechado num armário de som soturno e
alegre ao mesmo tempo, brilhante música
soando levemente e lentamente abrindo
espaço e ritmo, por dedos que se tocam,
se olham e vão se entrelaçar, em devota
genuflexão de pinguins piedosos, vindos
do frio, em busca do cálido calor em pre-
to e branco, que lhes compõe essa roupa
ou essas suas teclas que só ela sabe tocar.

Braz Wilson Pompeo de Pina Filho

Braz Wilson Pompeo de Pina Filho
tem um nome maior do que comporta
sua estatura de animal ovíparo:
um ornitorrinco invisível do

pódio, nervoso co'as patas de pato
que ele tem e que usa pra fazer
música, reger corais e fundar
orquestras. tem pêlo e, ainda, mama,

mesmo com aquele bico palmípede
com que fuça papéis velhos e velhas
histórias de músicos, músicas an-
tigas, antigas cidades e cidadãos

ilustres. Animal de terra e água,
arregimenta batráquios e faz
concertos, como boa transição
entre reptis e mamíferos raros,

orais, folclóricos e musicais.
Carrega carga antiga de tradição
contraditória, bárbara e barroca;
mas, acredita nela, com novenas,

missas, motetes, credos, cavalhadas.
Da cidade velha traz o que é estranho,
de si mesmo acrescenta o que é insólito:
jornais, revistas. Um dia, acredita,

vai virar uma dessas suas folhas
amarelas, cheias de traças, pó,
percevejos, anotações, rabiscos.
Vamos lê-lo, tirando-lhe a poeira.

Bernardo Élis, aos 76 anos,

é como uma garça, pernalta de passos largos, um jaburu ensimesmado, taciturno bicho do mato rompendo seus limites e

invadindo espaços alheios, os ermos e os gerais das gentes que, pelo sertão de uma vez e outras vezes, de um tempo

que já se vai, e foi, se era, sobrevivem como a pele de uma liberdade esticada, conseguida depois e ao longo de uma auto-

disciplina a que só se acostumam os pernaltas em seu equilíbrio diário, de perna a perna, numa e outra, como olho cravado no rosto.

Também é como uma minhoca oblonga, perfurando caminhos e descaminhos; um pica-pau furando seu tronco paciente-

mente, preciso e destro como aquela ossada “alvejando higienicamente limpa no fundo do rio.” Mas, também, pode e deve

ser mico sapeca, rindo cinicamente, a cara esticada por “severíssimo cavanhaque de ministro do Segundo Império.”

Bernardo Élis, aos 76 anos, é ele mesmo ou um gafanhoto que devora pastagens, uma erva boa que serve pra um chá, uma doida

coceira de bicho-do-pé, um incômodo que fica irritando como cravo-de-defunto, uma fortaleza que não cede seus muros,

um silêncio que só se rompe com consciência, uma prosa que só se escreve com pureza de polvilho, poema a não cair ou subir sem amor.

Carlos Nejar

Carlos Nejar não é uma baleia qualquer, pois conta-se entre aves canoras, com boa voz, harmonia, um bom ritmo, salmodiando os seus poemas, os seus discursos, uma escala e um mergulho em águas de danações e de outras defesas, arregimentando arreios, salmões céleres, versos brandos e também bem bravos, desde o campo verde do pampa ao porto das muitas águas dum espírito que sempre se santifica na prática arqueológica da sua palavra campeadora. Quando a poesia sabe ser assim vasta (baleiave), um poeta assim se basta.

Ciro Palmerston Muniz

Ciro Palmerston Muniz conseguiu
triplicar seu tamanho em largura,
e hoje anda lento como tartaruga
de alto-mar, marinha e antiga,

e solitária, como se nada pro-
curasse mais entre ruas e árvores,
porto seguro que o contivesse ou
retivesse, resguardada a espessura.

Por isso, anda por seu jardim de
jabuticabas e jacas, do menor ao
maior, refazendo um caminho de
águas quentes e frias, minerais.

Daí manter-se aquático sem ser
peixe, vendo-se marimbondo sar-
cástico em voo sempre rasante,
bicho intrigado, cismado co'o mundo.

José Ferreira da Silva

José Ferreira da Silva insiste
em sua mensagem de sal. Por isso,
deixou um rio e foi morar à beira
mar. Na verdade, deixou dois rios,

um em Aruanã, outro em Manaus,
em busca das naus que vão passar já,
acredita, ao largo daquelas praias
de São Sebastião, a mando de Mem

de Sá. Mas, não fica por lá, onde
ondas o varrem pra cá e pra ali,
em Tocantins e em Goiás, no Mato
Grosso às vezes, na água ou no ar.

É um bicho alado e previdente,
carrega seu mantimento, per-
gunta, espreita e aproveita. Este
José não é ferreiro ou silva como

serpente, nem suporta situações ad-
versas. Troca terras por refeição,
o que não seria de se esperar de
um bom sobrinho de Lampião.

Lacy Guaraciaba

tem agudo o afiado corte de machado, em papel, madeira, memória ou pano, como roedor que abre trajeto no escuro e no úmido.

É marsupial paciente e andante, carrega sua bolsa de problemas e, certo, como aranha, é-lhe avessa qualquer possível simplificação.

Resulta em ser transparente umas vezes, opaca em outras, cristal de vitral que se limpa e acumula poeira, insinuando-se sutil,

saliente e sinuosa, sobra de sonhos que se sucedem ao som de um só piano cantante, uma casa branca, falhas e acertos, translucidamente.

Laura Chaer

Laura Chaer não anda:
desliza como centopeia sutil,
plainando sobre patas de um
movimento sinuoso sincronizado.

Ou como águia ao longe,
de olhar parabólico, capaz
de detectar o menor deslize,
ela também pára, sem andar,
paina sem peso, um chumbo
leve que acerta o alvo
na mosca, da distância.

Em verdade, ela é como
borboleta que não se mostra:
cincoenta anos de casulo
fizeram-na esconder-se como
a tartaruga se esconde em
seu próprio casco – quieta,
deslizante e sonolenta.

Acordada, volta a ser águia
de bico adunco e afiado,
estraçalhando seu caminho
lentamente, exigindo o muito
e o pouco, mirando o céu
e se colocando na terra.

Cincoenta anos de casulo e
ela não se abre, ainda não se
solta. Apenas deixa-se entrever
enquanto desliza e não anda.
enquanto bica e exige,
passeando suas hábil
idades ao mesmo tempo em que
fortalece e treina suas frágeis
asas para o voo definitivo a Deus.

Luís Alberto de Miranda

Luís Alberto de Miranda é um camaleão narrador autorreflexivo, pois distrai seu leitor, ilude-o. Evita a narrativa íntima, direta, transcrição de imaginária cor não esquecida, sabendo, por isso, o que fazer dela. Depois, é um olhar que espreita sem ver, ou finge não ver, e não se engana. Ou se pensa que não se engana, quando se põe e propõe o desejo de uma outra cor, o Outro desta instituição, a descoberta do que articula inconsciente, quando aí se eleva e instaura seu próprio desaparecimento. Narrador sujeito da dúvida, não diz a construção de sua história. Antes, investe no sonho (lugar do consciente?), na função busca de sua cor ausente.

Luiz Fernando Valladares Borges

sacramenta e alicia seus caprichos
com triangular astúcia mineira.
Bebe sua pinga, morde seus queijos,
escreve seus livros, dá suas aulas.
Já deu pareceres, se aposentou ali,
continua trabalhando acolá, será
que não vai descansar, ou não quer?
Melhor será que continue bucólico,
como o verde novo da rama que, das
raízes, restaura o corpo e o poema.

Maria Helena Chein

Maria Helena Chein é um espírito
em busca de um corpo que o possa
acolher, libélula azul e inquieta
entre a grama próspera das margens
do lago e as águas de faces nuas,
sonolentas, apenas vez ou outra
trêmulas e amedrontadas por vento
brando, sem rumo certo, definido.

Não anda em linha reta, mas em zigue-
zague, seu outro nome de odonata,
que habita e reaviva águas paradas
ou correntes, ousando até se insta-
lar no centro de alguma bromeliácea.
Maria Helena, libélula, veste-se de
águas sobre as asas e o rosto. Para
o corpo, assume a flor que encontra.

Miguel Jorge

mente sobre a idade como uma
coruja se esconde entre galhos de
árvores alquímicas, rosas brancas,
folhas de guiné, buquê de arnica
contra mau-olhado e labirintite.

Também faz galinhadas no capricho,
bem frito o frango, pimenta pouca,
palavras a custo encontradas entre
tantas e tais panelas de acontecimentos
vários, correções muitas, o refazer.

No que mente, consente especulações
que ocupam livros e receituários,
pomadas e cosméticos, no triunfo
da Poesia sobre a Farmácia e o
Direito, o avesso da coisa escrita.

Miguel Jorge é como é um pássaro
que salta, mas não como um tico-
tico, antes um pardal (embora ele
prefira, claro, a cotovia) paciente
na procura de seus contos, em grãos.

Ele não mente sobre a idade que
tem: na verdade, ele não a tem
(nem quer), por isso não pode dizer
sobre ela. Ele diz sobre o que tem:
livros ou filhos a construir a vida.

Moema de Castro e Silva Olival

tem o verde da azeitona no nome
e um porte de flamingo rosa e estilista , conforme velhos manuais de boa retórica cristalina. Mas, também, é um gafanhoto, pois esmiuça frases e gentes, letras ou linhas, as coisas significadas que tentam escapar a seu olhar arguto; assim, também recruta-se entre andorinhas, pontuando fio estirado entre dois postes: acampamento em preto e branco, que ela ilumina com formas ondulantes, figura verde gramando as especulações da crítica.

Reinaldo Barbalho

Reinaldo Barbalho veio das águas.
Bicho anfíbio, mas também aéreo,
paira sobre as coisas como as nuvens
ameaçam chuva nos horizontes,

avançam sobre cidades e postes.
Assim ele retrata a circunstância
que o circunscreve e, então, anuncia:
pelo lugar, goiano, com a mala

e a coragem com que desembarcou
do trem; pelas águas, é do Amazonas,
onde andou de barco e, claro, de boto;
pelo que come, acredita-se eslavo.

Afinal, bem... não passa de um pintor
e gravador, que já fez tartarugas,
sapos, corujas, peixes e outros bichos;
já fez borboletas, uns galos também.

Por fim, jarros com flores e, depois,
figuras de São Francisco, que, como
ele, pregava seus sermões aos bichos
e sabia caminhar sobre as ondas.

Ubirajara Galli

acredita-se poeta, o que o torna insano na procura de transformar coisas, como maçã ou bigorna, das palavras que são em alguma outra coisa a mais que o silêncio a descer sobre elas, o caminho a ser percorrido entre o delírio e a delícia, o sublime e o além, o fracasso, a dor e o desdém, se elas, as palavras, não puderem ser seladas em cetim ou em luar, transformadas em adagas ou setas, transfiguradas em sonho, manuscritas, impressas. Se é assim que ele é insano, pode-se acreditar poeta, tal baleia do mar que aparece na praia e, distanciada de seu bando, começa a morrer sozinha, íntima de si mesma e, mesmo se observada, quando luta pelo que não sabe o que seja, encontra a sua bigorna e a sua maçã, e as vai deixando escritas na própria pele que morre. Ubirajara Galli, assim insano, deve ser poeta.

Waldomiro Bariani Ortencio

escreve seus contos, seus outros livros,
em litros d'água fervente e temperos.
Rala cebola, ajunta algum vinagre.
O *whisky* não falta, é boa a cachaça,

mas, gambá prevenido, ele serve
cerveja, e o tira-gosto é pinçado
em receituário dos detalhados.
Fez bom dinheiro, como esperta rola

do campo, e tem a acuidade do
dicionarista. A sua atenção é a de
um astuto joão-de-barro estável:
não muda o traçado estabelecido.

Vendeu discos, compõe música ser-
taneja, e anda pelo sertão sem fim,
colhendo o mármore limpo de sua
só prosa domingueira de dois dedos.

Yêda Oscarlina Schmaltz

na fortuna, no infortúnio também,
como com todo mundo, por exemplo:
como uma girafa esplêndida e seu
alto pescoço e as pernas longas,
ou como um hipopótamo sonolento,
mole e aberto em sua boca enorme.
Na fortuna e no infortúnio também,
como abelha laboriosa, ocupação
hexagonal de favos de mel; ou
como um pavão de longas penas,
rabo em leque, metafísico olho
argos inquiridor; como um dragão
ou réplica de violetas em pano roxo,
um arranjo floral ou uma borboleta
espetada em cartolina branca; na
sorte, ou na falta dela, como asa
desafortunada em sua cera der-
retida, uma queda para o vazio,
um voo para o repertório do in-
finito; um cenário vasto, um palco
estreito, infortunadamente; como
sedento cão em sua sede de excessos,
ilustração iluminada em página
antiga, assim, como livro velho,
afortunadamente, você conforma-se
à imagem e à semelhança de si mesma:
– transparência compacta, ociosidade
aplicada, aspereza dúctil, conhe-
cimento impenetrável, você cria-se
essência e paciência, tal como,
na fortuna ou no infortúnio, na
sorte sua ou na falta dela, deve
ser o inconversável, o fundo e a
superfície, a prosa e a poesia.